

6

Visão geral e entendimentos

“Esta manhã, antes do alvorecer, subi numa colina para admirar o céu povoado, E disse à minha alma: Quando abarcarmos esses mundos e o conhecimento e o prazer que encerram, estaremos finalmente fartos e satisfeitos? E minha alma disse: Não, uma vez alcançados esses mundos prosseguiremos no caminho.”
(Walt Whitman)

Em um certo desfile cívico de 7 de setembro fui tomada por um sentimento de perplexidade que serviu de inspiração para esta pesquisa. Vi de perto uma tropa formada por pára-quedistas da reserva passar em desfile. Ao marcharem, aqueles militares demonstravam intensamente vibração e satisfação em estarem ali, representando o Exército Brasileiro que outrora serviram, o grupamento pára-quedista que um dia integraram e, por que não dizer, representando e vivendo com satisfação e orgulho a si mesmos, seus próprios papéis sociais.

Creio que ser militar e olhar aquele pelotão através dos valores, idéias e visões de mundo compartilhados no meio em que escolhi atuar profissionalmente tenha contribuído para a motivação e os entendimentos gerados neste trabalho. O fenômeno das massas efervescentes e uma enorme gama de possibilidades de olhar para ele, no entanto, tem envolvido toda sorte de pesquisadores ao longo dos tempos.

A pergunta mais geral que fez nascer este estudo tem a ver com o entendimento e o espaço para a manifestação das subjetividades em contextos onde o coletivo é intensamente valorizado e muitas vezes pode até mesmo parecer priorizado em detrimento do individual. Esta pesquisa primou por ouvir subjetividades socioconstruídas (Gergen & Gergen, 2001; Hinchman & Hinchman, 2001; Harré, 1987; Velho, 1986) no contexto militar em um mundo onde as idéias pós-modernas de instabilidade e inconsistência se fazem presentes.

O contexto em que minha pesquisa ambientou-se foi a Brigada de Infantaria Pára-quedista do Rio de Janeiro, mais especificamente um de seus batalhões, o Batalhão Santos Dumont, também chamado de 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista.

Dentro da Força, a tropa pára-quedista é tida como uma tropa de elite, e a tropa constituída pelos pára-quedistas do 26º como a elite da elite. Visando o

cumprimento do Artigo 142 da Constituição Federal¹¹, seus integrantes devotam-se a intenso e constante treinamento físico, operacional e tático. A tropa do 26º destina-se ao pronto emprego, isto é, deverá apresentar-se pronta em no máximo 48 horas caso seja requisitada. Ainda segundo os estatutos da Força, esta tropa tem como missão atuar com rapidez nas ações de defesa externa e de garantia da lei e da ordem, em qualquer parte do território nacional, e, eventualmente em missões de paz, especialmente no que tange à realização do assalto aero - terrestre, visando isolar o campo de batalha, interditando o deslocamento das tropas inimigas bem como a participação da transposição de curso de água de grande vulto. Atualmente esta tropa tem sido empregada em missões de paz da ONU e em inúmeras operações de garantia da lei e da ordem em diversas regiões do país, operando principalmente contra o crime organizado.

A questão que investiguei relaciona-se com os processos de construção de identidades elaborados por homens que praticam, vivem e compartilham um código de valores e ideais em um contexto específico, o meio militar. A temática central de minha pesquisa é ontológica, isto é, pesquisa o ser humano inserido em seu mundo, suas visões e entendimentos acerca de si próprio, dos outros e de seus contextos.

Uma vez que minha questão central de pesquisa é fundamentalmente social, optei pelo paradigma de pesquisa de veio etnográfico e de cunho interpretativista (Erickson, 1992). Olho para fenômenos em que o ser humano é o principal agente, dependendo o produto de minhas análises de cada um dos envolvidos na pesquisa e de sua manifestação discursiva, ao expressarem-se e construírem-se discursivamente.

Importante salientar o viés etnográfico tomado em minha pesquisa. Neste caso, tanto pesquisadora quanto seus pares-entrevistados são militares. Atuamos em diferentes frentes na Força, somamos formas de lutar ao desempenharmos papéis que se completam, portanto compartilhamos os mesmos valores nutridos nos ideais de hierarquia e disciplina, pilares da instituição. O processo de estranhar o familiar (Velho, 1978) foi um exercício ao qual precisei estar atenta

¹¹ Art. 142. As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem.

durante toda a empreitada de pesquisa e análises a fim de não negligenciar discussões importantes.

Como estudiosa da linguagem e de seu poder de construir identidades, realizei a pesquisa no intuito de saber mais sobre este grupo de combatentes pára-quedistas que integra a sociedade brasileira ao focalizar alguns pontos específicos. Retomo aqui minhas principais perguntas de pesquisa. Que grupo é este tido como tropa de elite das elites? Por que este grupo é identificado como uma elite? Quem essas pessoas dizem que são? Que há em seus contextos profissionais capaz de oferecer-lhes possibilidades ontológicas? Que sentidos esses combatentes constroem para seus contextos profissionais e pessoais? Que significados eles constroem para suas realidades? Que eventos interacionais concretos, segundo os próprios pára-quedistas, possibilitam seus processos de construção de identidades? Em meio a tamanha força social, há espaço para o subjetivo, para o self? Como esses homens constroem suas subjetividades dentro do grupo que formam? Que trabalhos discursivos são elaborados por esses homens na busca pela negociação e construção de suas identidades?

A fim de buscar respostas para essas e outras perguntas que foram surgindo ao longo da pesquisa ofereci e percorri a seguinte proposta de análise. Analisei narrativas elaboradas por pára-quedistas lotados no 26º Batalhão de Infantaria pára-quedista. Ao entender as narrativas como uma forma básica de se organizar a experiência humana, percebe-se que elas deixam falar as relações culturais e os sentidos sociais situados (Bruner, 2001). As estórias narradas pelos pára-quedistas serviram como um elaborado campo semiótico oferecido pelos próprios pára-quedistas, mediante a espontânea seleção dos eventos que foram narrados. Analisei a estrutura das narrativas produzidas pelos pára-quedistas com quem conversei, o contexto onde ocorreram bem como o contexto relatado, seu conteúdo semântico e sua seqüência. Creio que seja importante salientar a relevância das narrativas quando o que se quer é entender as visões de mundo daquele que narra, seus pontos de vistas, suas identidades. Ao narrarem suas estórias, os pára-quedistas ordenaram suas experiências, produziram intenções, estruturaram memória e comunicação, deram forma e significado a experiências vividas por eles (Bamberg, 1997). Ao posicionarem-se e emitirem suas opiniões e visões das situações narradas, os pára-quedistas expuseram suas idéias acerca do sentido que constroem para quem eles são, quem são seus pares e superiores,

como entendem os acontecimentos com que se deparam e sobretudo puderam construir uma parte de suas autobiografias ao narrarem sobre si próprios usando seus filtros afetivos (Bastos, 2005).

As narrativas, por sua vez, foram geradas durante entrevistas que realizei com oficiais do 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista, uma das unidades da Brigada de Infantaria Pára-quedista do Rio de Janeiro. Minha permanência durante 10 dias naquela organização militar foi devidamente autorizada pelos escalões superiores no Exército, cientes de minha pesquisa. Entendo que as entrevistas que realizei são uma forma de interação bastante comum em nossas sociedades. São momentos interacionais como tantos outros em que nos envolvemos em nosso cotidiano (Mishler, 1986). As entrevistas ofereceram um espaço interacional onde o pára-quedista pôde falar de si próprio, colocar suas opiniões e principalmente narrar eventos ocorridos em suas vidas. Entendo que a situação de entrevista agiu na contextualização dos dados gerados, isto é, meus entrevistados enquadraram seus relatos e estórias mediante seus entendimentos acerca daquela situação interacional, como fazemos em qualquer interação em que nos engajamos no nosso cotidiano.

Passo a discorrer sobre os entendimentos a que pude chegar, reiterando que meus entendimentos levaram em consideração o olhar do pára-quedista sobre si próprio, isto é, suas vozes, seus sentimentos e emoções.

Em consonância e forte alinhamento com os dizeres sobre a imagem do pára-quedista que se encontra no site oficial da Brigada (<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/>), os pára-quedistas do Exército Brasileiro com quem conversei construíram-se como militares devotados para o combate, preparados para enfrentar ambientes hostis e inóspitos atuando em situações de extremo risco a suas próprias vidas. Eles se entendem como uma tropa de elite e são confiantes em seu poder de atuação profissional, construindo e fundando suas identidades no que chamam de ‘mística pára-quedista’. A expressão ‘mística pára-quedista’ foi mencionada, citada, descrita, exemplificada e narrada um sem par de vezes. É pela cultuada mística pára-quedista que inicio a exposição dos entendimentos a que cheguei com minhas análises.

Ao construírem-se de acordo com o discurso oficial da instituição que integram, os pára-quedistas usam a expressão ‘mística pára-quedista’ para se referirem ao solo fértil que nutre a construção de suas identidades. O que quer que

digam que são se deve à vivência de tal mística, isto é, de determinados ideais tidos como fundamentais da identidade daquele grupo. Acredito que a expressão ‘mística’ funcione aglutinando traços das identidades profissionais desses homens ao mesmo tempo que lhes confere uma certa magia, algo que remete ao inexplicável, impondo um entendimento difuso para aqueles que não pertencem ao grupo. ‘Mística’ remete a mistério, e tal mistério, segundo meus entrevistados, só pode ser revelado e experimentado por aqueles que se provaram fortes e destemidos o bastante para viver a tal mística, usufruindo de seus benefícios ontológicos. Envolver-se e praticar a chamada ‘mística pára-quedista’ confere a estes combatentes um sentimento de pertença ao grupo ao mesmo tempo em que segrega aqueles que não vivem a mística, ou seja, que não são parte do grupo. Desta forma, para vincularem-se ao grupo comungando e evidenciando suas ideologias e crenças, cada um desses combatentes sente-se impelido a agir como um seus membros, aceitando as forças de coerção exercidas pelo grupo, aderindo-se e comprometendo-se com os ideais do grupo. Como recompensa, usufruem dos benefícios identitários oferecidos àqueles que pertencem ao grupo.

Um dos atributos mais usados por meus entrevistados para se referirem a si próprios foi ‘diferente’. Eles se consideram diferentes dos demais combatentes da força, demarcando a diferença com atributos de superioridade tanto físicos quanto emocionais e profissionais.

Entendo que viver a ‘mística’ significa agir e trabalhar tanto discursivamente quanto performaticamente no intuito de evidenciar os ideais pára-quedistas. Segundo meus entrevistados, são ideais pára-quedistas: preparo físico, preparo emocional, preparo intelectual, profissionalismo, coragem, camaradagem, espírito de equipe, persistência, determinação, espírito de cumprimento de missão, agressividade no combate, patriotismo, voluntariedade, responsabilidade, tradição, liderança, honestidade, entre outros. Pude observar, no entanto, que os pára-quedistas ressignificam os itens que compõem a ‘mística’. Aquilo que entendem por sacrifício, coragem, patriotismo, etc. não corresponde ao sentido atribuído para tais termos pelo senso comum. Esta ressignificação só é possível na prática discursiva, que, como analisei, é intensa e constante do meio pára-quedista. Os pára-quedistas fazem menção, durante a entrevista, aos momentos em que se reúnem para contar seus casos e feitos, vide, por exemplo as falas do Major Firmino, Capitão Vieira, Capitão Vagner e Tenente Coronel Ermínio.

Quanto ao preparo físico, pude entender por minhas análises que o pára-quedista constrói-se como um combatente forte o suficiente para não apenas resistir à chuva, frio, fome, calor, sede, mas também ser capaz de desafiar tais condições adversas, superando-as de uma forma até mesmo irreverente, dizendo-se tanto mais motivados a persistir nos treinamentos quanto maior a dor física provocada pelos exercícios. A preocupação com o preparo físico é tida nesta comunidade como essencial para sua atuação profissional. O sucesso das missões em que se engajam depende, antes de qualquer outro aspecto, da integridade física. Pude observar nas falas que o pára-quedista se mostra consciente de sua humanidade, de sua condição de mortal, já que afirmam que suas próprias vidas dependem de um corpo resistente e trabalhado. Assim, eles reconhecem seus corpos tanto como um recurso pessoal como um símbolo social, fundando as identidades que constroem em sua integridade física. A idéia de preparo físico é ressignificada por eles: estar bem preparado fisicamente para esse combatente significa também ter seu corpo como sua própria trincheira, que os protegerá das intempéries do combate, isto é, quanto mais resistentes fisicamente eles forem, mais chances terão de bem executar suas missões mantendo-se vivos (vide item 4.3.1).

Cultuar o corpo não implica negligenciar o preparo emocional para um pára-quedista. Esse é outro atributo considerado importante na construção de identidade coletiva de um pára-quedista e foi o ponto de muitas das narrativas elaboradas. Para ser um deles é preciso poder usar a mente em superação do físico em prol do cumprimento das missões. Além disso, para um pára-quedista que se sente preparado para cumprir qualquer missão, a qualquer hora e em qualquer lugar, faz-se fundamental trabalhar suas emoções e não se deixar dominar por sentimentos como o medo e o desespero ao se depararem com os riscos decorrentes de sua profissão, por exemplo. Este profissional do combate diz-se preparado para usar as emoções na medida que julga apropriada, reconhecendo hora e lugar para lutar e para festejar. Observo que ao falarem de preparo emocional, os pára-quedistas fazem referência à superação física, ou seja, preparo emocional é ressignificado como a capacidade de superação física, que segundo eles, é dependente do controle emocional (vide item 4.3.2).

Faz parte da ‘mística pára-quedista’ evidenciar determinação na perseguição dos objetivos e o eficiente cumprimento das missões. Um pára-quedista entende

que deve se manter firme, superando dificuldades e dando vida ao que chamam de ‘espírito de cumprimento de missão’. Assim, demonstrações de persistência, garra e objetividade são fundamentais para a construção da identidade de um pára-quedista. Por minhas análises, pude concluir que ser determinado e dotado de espírito de cumprimento de missão, para um pára-quedista, significa ser dotado da capacidade de ‘bater em várias frentes’, como coloca Vieira (item 4.3.3). Percebo um certo ar de onipotência em suas falas ao se referirem ao modo como encaram o cumprimento de suas missões (vide item 4.3.3, fala do Capitão Rocca – “qualquer missão, a qualquer hora, em qualquer lugar”). Noto que determinação e espírito de cumprimento de missão são ressignificados como ‘agir não somente de forma obstinada, mas confiante no sucesso de suas ações’. Penso que aquilo que os pára-quedistas entendem como determinação aproxima-se daquilo que o senso comum chama de auto-confiança.

Ao tratarem de mais um ideal que compõe a ‘mística pára-quedista’, os combatentes estudados fazem alusão ao que chamam de ‘espírito de sacrifício’. Pude perceber com as análises que o sentido que esses combatentes controem para o termo sacrifício difere daquele oferecido pelo senso comum. Para um pára-quedista, sacrificar-se não implica sofrer, e sim em doar-se, em fazer mais do que os outros, em trabalhar mais, dedicar-se com mais afinco em detrimento de horas de lazer e descanso, tudo em função da devoção com que encaram a execução de suas tarefas (vide item 4.3.4).

Outros dois pontos da mística pára-quedista, que ao ser vivenciada brinda os integrantes daquele grupo com, segundo eles, satisfação pessoal e honra de ser um deles, são patriotismo e voluntariedade. O sentimento de patriotismo é evidenciado como aquele que move e gera toda a disposição profissional dos combatentes pára-quedistas e está de forma estreita relacionado com a questão da voluntariedade. Patriotismo e voluntariedade os move e os mantém naquele contexto. Em suas narrativas (analisadas no item 4.3.5), meus pares-entrevistados constroem-se como livres para escolher integrarem esta tropa que consideram de elite. Além disso, se dizem orgulhosos de sua escolha. O termo ‘servir’ é usado quando se referem à sua profissão. Saliento que para esses homens, servir implica doar-se, oferecer-se ao serviço da Pátria. Interpreto que para tanto há que se evidenciar muito desprendimento daquilo que o senso comum entende como

prazer. Para esses homens o prazer está em se sentirem úteis, mesmo que para tanto seja necessário o sacrifício de suas próprias vidas.

O espírito de equipe, outro atributo componente da mística pára-quedista, também tratado como companheirismo, fez-se o ponto de muitas narrativas. O grupo de pára-quedistas entende que sua força de combate advém justamente de sua condição de grupo, de conjunto, e que cada membro desta comunidade deve colaborar com os demais com o mesmo resguardo que devotam às suas próprias vidas. Cabe aqui a máxima popular que diz que uma corrente é tão forte quanto o seu elo mais fraco. Ao tratarem de espírito de equipe e colaboração mútua, esses combatentes entendem que não há hierarquia quando o que se objetiva é proteger o companheiro seja ele superior ou subordinado, todos são entendidos como combatentes cujas vidas não estão atreladas aos postos que ocupam. Os pára-quedistas com quem conversei entendem o grupo que constituem como uma entidade panóptica, que observa cada um de seus integrantes, mobilizando-os moralmente e emocionalmente. Ao grupo eles atribuem características humanas, referindo-se a ele como se tivesse consciência. Além disso, eles se constroem conscientes de que o grupo age doando-se a seus membros ao mesmo tempo em que lhes cobra atitudes identitárias. Essas duas forças convergentes agem definindo o perímetro do grupo e determinando aqueles que merecem ser um de seus membros, aceito no grupo.

Demonstrações de coragem também são requisitos para se viver a ‘mística pára-quedista’, evidenciar o contrário é motivo de estigma por parte do grupo. Os pára-quedistas constroem-se como audazes e desafiadores do perigo, personificando-o, a luz do que fazem com ‘o grupo’ (vide análises no item 4.3.8.) Os pára-quedistas citam a figura do louco para falar dos desafios que enfrentam em seu cotidiano profissional. Percebo aí um jogo discursivo onde soa em suas falas um certo ar de modéstia frente a pesquisadora, como que para deixar claro que suas missões são tão difíceis e perigosas que pode parecer loucura ter prazer em realizá-las (vide falas do Capitão Vagner, Major Wilker e Capitão Vieira, por exemplo). Há neste ponto um ar de irreverência em suas falas. No entanto quando questionados diretamente sobre se considerarem loucos (vide a interação com Capitão Vagner no item 4.3.8), meus entrevistados fizeram questão de afastar-lhes a figura do louco ou do suicida alinhando-se com a imagem do combatente corajoso. Importante notar que meus entrevistados constroem-se como corajosos

rejeitando a figura do louco ou do suicida trazida por eles mesmos. Penso que o louco ou o suicida não sabem o que estão fazendo e não é esta a imagem que meus entrevistados pretenderam construir ao falarem do combatente pára-quedista. Há lucidez e diferenciações em suas falas contrapondo coragem e loucura, o que me fez entender que os treinamentos difíceis a que se dedicam funcionam preparando-os tanto emocionalmente quanto doutrinariamente para o cumprimento das missões. A coragem foi dita como condição primeira para se integrar aquela tropa. No entanto, os pára-quedistas constroem sentidos bastante singulares para este atributo. Ter coragem, para esses homens, não é a ausência do medo, e sim, sua superação. Eles afirmam ter medo face às situações de perigo a quem se expõem, mas que a coragem sempre venceu a luta contra aquela emoção. Eles acreditam que por serem audazes estão mais propensos a se tornarem heróis, uma vez que se deparam com o perigo constantemente. O pára-quedista é construído como aquele cuja coragem os faz defrontar riscos, o que implica resolver problemas. Segundo eles, tal coragem somada à oportunidade de se deparar com o perigo e com o preparo profissional que entendem ter, oferecem o contexto ideal para fazer surgir o herói. Não há, entretanto, dados para que eu possa afirmar que ser herói é um dos objetivos desses homens. Eles não se intitulam heróis em suas falas. Porém, como analista, entendo que sob este modelo cultural eles se constroem. Tratarei da questão do herói mais adiante.

A questão de fazer do culto a tais ideais uma tradição da Brigada pára-quedista também foi veiculada na fala de meus entrevistados como parte da mística pára-quedista. Esses homens entendem fazer parte de uma tropa tradicional, que é história ao mesmo tempo em que faz história. O sentido que constroem para tradição diz respeito à continuidade, vivência e propagação doutrinária ao longo do curso de diferentes gerações de pára-quedistas (vide análises no item 5.1.1). Como analista, penso não ser possível associar, neste grupo, tradição a imobilidade, apesar de tratarem a tradição como algo que deverá ser passado de geração para geração de pára-quedistas. Isso seria estereotipar por demais este grupo de homens que constroem suas identidades de forma intensa, dizendo viver e experimentar quão fugaz e frágil suas vidas podem ser, pois que atuam na iminência da morte, a cada salto, a cada missão. Percebo a marca da tradição para esta tropa como signo de atividade constante, já que cada um de seus membros entende que suas ações devem servir de exemplos para os demais (vide

falas do Capitão Marcos Almeida, por exemplo). Ser exemplo vivo a ser seguido, a meu ver, exige atividade constante, ação frenética, se o que se quer é fazer história.

O discurso sobre a vivência e a demonstração dos atributos cultuados e simbolizados na mística pára-quedista delimitam o perímetro do grupo estudado, construindo na práxis as identidades sociais destes homens.

Para Goffman ([1963] 1988), as identidades sociais dizem respeito àquilo que os outros acham que somos em virtude de nossas afiliações a grupos distintos e dos papéis sociais que representamos. Na intenção de situarmos os outros no espaço social, acabamos rotulando-os mediante suas etnias, gênero, nacionalidade etc, identificando seus papéis sociais, enfim, identificando-os enquanto objetos sociais. Como coloca Goffman ([1963] 1988:11), “A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como naturais para os membros de cada uma dessas categorias”. Ao serem chamados de pára-quedistas, os profissionais entrevistados nesta pesquisa são identificados como pertencentes a um determinado grupo que desempenha determinados papéis sociais. Chamá-los de pára-quedistas já implica atribuir-lhes uma identidade social. Da mesma forma, podemos atribuir a estes pára-quedistas muitas outras identidades sociais, descolando-os da imagem do pára-quedista, posicionando-os em diferentes espaços sociais, ao enxergarmos esses homens sob outros rótulos, conforme o ângulo que usemos: idade, etnia, outras afiliações, outros papéis sociais, seus *hobbies*, preferências, saberes etc. Assim, suas identidades sociais têm a ver com as identidades atribuídas ou mesmo imputadas a eles.

Como já coloquei, chamá-los de pára-quedistas já implica atribuir-lhes uma identidade social, mas para que eles sejam chamados assim, e mesmo para que assim se entendam, é preciso que eles evidenciem atributos em comum, que os una em um conjunto único e separado de todos os outros agrupamentos possíveis, formando uma coletividade com características próprias.

Ao estudar as narrativas produzidas pelos pára-quedistas, luz se abre para o entendimento de quem essas pessoas são, isto é, de como e que sentidos constroem para seus agrupamentos, sentimentos, afetos, desafetos, visões de mundo e verdades. Como argumenta De Fina (2006:352), “a análise de narrativas baseada em um detalhado exame textual ajuda a entender como ideais e valores

socialmente compartilhados são ajustados e reinterpretados por membros de um grupo em particular.”

Os pára-quedistas cujas narrativas analisei são parte de uma comunidade interpretativa (Fish, 1973), portanto compartilham valores e ideais que agem na construção de suas identidades coletivas. Segundo Snow (2001:3) o núcleo do conceito de identidades coletivas reside na idéia da existência de um ‘nós’ (*we-ness*) em oposição a ‘eles’, ou seja ‘os que integram o grupo’ e ‘os que não integram o grupo’. A idéia de *we-ness* é ancorada em atributos e experiências reais ou imaginados que são igualmente compartilhados apenas pelos membros da coletividade em questão.

Este é justamente o caso da comunidade do 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista, foco de minha pesquisa. Para ser um integrante desta coletividade, há que se compartilhar e evidenciar a ‘mística pára-quedista’, para usar um termo proposto pelo próprio grupo quando se referem aos valores e ideais que compartilham. Pude perceber que a mística pára-quedista, sua vivência e desempenho, age como uma argamassa ligando e mantendo os membros do grupo conectados entre si.

Desconsiderando etnias, classes sociais, níveis culturais e até mesmo hierarquia, a mística pára-quedista, desde que os membros do grupo a respirem e respirem, abraça indistintamente todos nesta coletividade. A evidência de determinados comportamentos, tanto perante os não-membros quanto os membros do grupo, deixando ver atributos morais e físicos de um pára-quedista, faz-se a condição *‘sine qua non’* para ser um deles. Como explica o capitão Vagner a partir da linha 97 do trecho intitulado “A sorte acompanha os audazes”: ‘então o culto a isso tudo? é é é o que faz o que que sustenta a mística, né? (...)que é aquele negócio que o pessoal fala, “é fácil colocar a marra, é fácil você achar que você é o herói, mas difícil é sustentar essa ((marra)) (...)é, então, então, isso tudo é o que faz a gente treina:r, que faz a gente se preparar realmente com com o comba:te,então (...)’

Minhas análises mostraram que os guerreiros alados consideram que a mística pára-quedista é a aglutinação de vivência de valores, já citados: patriotismo, espírito de equipe, companheirismo, voluntariedade, espírito de cumprimento de missão, coragem, determinação, preparo intelectual, preparo emocional, preparo físico, espírito de sacrifício, profissionalismo e liderança.

Como se pode ver, ser um pára-quedista e atribuir-se tal identidade coletiva (Snow, 2001), vai muito além de ostentar na farda as asas de prata do brevê, ou de calçar o *boot* marrom e usar a boina bordô. Ser um pára-quedista implica agir como tal, usando, segundo Lamont (2000:7), “os recursos culturais a que se tem acesso”, e isso demanda esforço, o que Snow (2001:3) chama de agência coletiva. A agência coletiva evidencia, por conseguinte, ação e trabalho identitário em busca de interesses comuns, mas também em busca de continuarem, todos os membros do grupo, sendo aceitos como iguais, dignos de acolhimento pelos demais membros. As forças coercitivas do grupo foram instanciadas em inúmeras narrativas constituintes dos dados desta pesquisa. Cito, no entanto, uma fala do Tenente Coronel Ermínio, do trecho “O pára-quedista que se recusar a saltar tá crucificado”, linha 9, que, ao ser ampliada para toda a mística pára-quedista, pode servir de exemplo: ‘é... olha aqui é o seguinte. o pára-quedista que se recusar a saltar ele tá <crucifica::do>’.

Percebo, assim, que as identidades coletivas são um processo de sócio-construção, e por isso, não se dão à posse. Creio que tenha deixado claro que a identidade coletiva dos pára-quedistas é fruto da prática discursiva da mística pára-quedista, isto é, do processo. Pretendo ter lançado luz sobre tais processos por meio das análises que realizei. Na busca por sustentarem ‘a marra’, como coloca Vagner em sua fala, os pára-quedistas evidenciam a mística fisicamente, emocionalmente e até mesmo moralmente. Neste processo de trabalho identitário (Snow, 2001:6) que visa significar e expressar quem são, os pára-quedistas utilizam-se de recursos simbólicos, ou seja, tudo aquilo que aglutinam sob a ampla e nebulosa expressão ‘mística pára-quedista’. Como expus nas análises, alguns exemplos desses recursos simbólicos são: os enquadres interpretativos singulares usados na significação dos ideais pára-quedistas, tão claramente explicados pelo Capitão Vieira; as canções que entoam em forma; a Oração do Pára-quedista; o termo ‘chivunk’, largamente usado para fazer surgir força e determinação em momentos de exaustão; as histórias que contam uns aos outros e também aos não-membros do grupo; suas formas de socialização; jargões diversos; o brado de guerra ‘Brasil, acima de tudo’; o brevê de asas prateadas, o boot marrom e a boina bordô, usados exclusivamente por pára-quedistas. Estes e incontáveis outros recursos simbólicos são usados como demarcadores de

território pelos membros deste grupo, distinguindo membros e não-membros, fora e dentro, tropas amigas e inimigas, ‘nós’ e ‘eles’.

Agir na construção de suas identidades coletivas brinda os pára-quedistas com a confortável sensação de pertença, de se saber quem se é, enquanto são ‘nós’. Neste ponto, são grupo: unidos, coesos, fortes – como se quer um exército, pronto a defender, proteger, cuidar ou atacar, destruir, conquistar.

Nos capítulos de análises, argumentei que no elaborado processo de expressão de suas identidades sociais os combatentes pára-quedistas constroem identidades sociais hegemônicas, referindo-me especialmente às identidades hegemonicamente masculinas que instanciaram em suas falas. O padrão de masculinidade compartilhado no grupo estudado implica a vivência dos ideais da mística pára-quedista na atuação combatente, somado à idéia de heterossexualidade, interesse por esportes como o futebol e atividades de lazer como eventos onde os pára-quedistas confraternizam com churrasco e cerveja.

Argumentei também que ao construírem-se identidades hegemonicamente masculinas em suas narrativas, os pára-quedistas trazem a reboque a imagem do herói. Percebi esta figura uma vez que eles se entendem como aqueles que devem e têm a capacidade de enfrentar o perigo, superando dificuldades, realizando a missão com sucesso, protegendo, ajudando, defendendo a Pátria e seus compatriotas.

Ao tratar da imagem do herói, entendi com minhas análises que esta figura mitológica é construída com atributos e marcas do herói romântico, épico. Os pára-quedistas se constroem como legítimos representantes do bem, dotados de qualidades essenciais que os sublimam e dignificam como a coragem, a honra, a inteligência, o poder de sedução. Além disso mostram-se dispostos a doar suas próprias vidas, martirizando-se em nome dos ideais em que acreditam. O modo como se constroem os possibilita entenderem-se como heróis patriotas, expressão de consciência e de valores coletivos. O constante preparo para o combate possibilita, no processo de construção desses combatentes, o diálogo com a figura do inimigo, que está presente, mesmo em tempos de paz. A luta entre o bem e o mal, interpreto, faz-se parte da intrincada rede semiótica onde os pára-quedistas atribuem sentidos para si próprios, para os outros e o mundo à sua volta.

Percebi ainda que o herói épico, na voz dos pára-quedistas, ganha matizes da cena contemporânea em que estão inseridos. Em suas falas, como aponte nas

análises, há referências a pluralidade de sentidos quando se referem a patriotismo, por exemplo. Eles mostram-se conscientes de que há interesses maiores que fogem de seu próprio campo de atuação em se tratando de guerras e de missões de paz. A vida de meus entrevistados fora da caserna não foi alvo de minhas perguntas, no entanto meus entrevistados fizeram algumas referências a suas vidas pessoais, quando não estão atuando profissionalmente. Como evidenciado nas análises, percebi que o pára-quedista construiu-se consciente das múltiplas facetas e nuances de suas identidades. Nesses momentos pude perceber que este herói entende-se como plural, motivado pelas contingências e inserido em uma condição social caleidoscópica, própria da pós-modernidade.

Assim, o herói pára-quedista constrói-se ao flutuar por diferentes contextos, agindo conforme o ambiente onde se encontra. Ora o pára-quedista está subindo morros no Rio de Janeiro, ora está saltando para iniciar mais uma missão, ora está integrando tropas de paz da ONU, ora está em casa com sua família ajudando nos afazeres domésticos, ora está celebrando com os amigos. Ao mesmo tempo que reserva obediência a normas e grupos sociais, mostra-se consciente que integra diferentes grupos na mesma sociedade e que seu comportamento deve variar por isso. Percebo que as narrativas dos pára-quedistas com quem conversei dão vida a um herói cambiante entre o moderno e o pós-moderno. As narrativas que analisei me levaram a crer que, ao menos naquele momento situado e contextualizado em que nossas interações se deram, esta pluralidade parece não gerar conflitos para este guerreiro.

Creio que há um forte alicerce que nutre as identidades coletivas dos pára-quedistas. As análises me mostraram que tal alicerce identitário é construído na prática discursiva. Em inúmeros momentos eles fizeram alusão a interações com seus companheiros de farda, momentos em que nutrem suas identidades ao contarem histórias uns para os outros, histórias de seus feitos, de suas conquistas. Tais histórias são contadas e recontadas e funcionam na manutenção dos códigos identitários desta comunidade.

Importante mencionar que há uma impressionante similaridade na fala de meus entrevistados quanto ao tipo de narrativas que elaboraram. De maneira geral, classifico as narrativas elaboradas como narrativas de orgulho, de satisfação profissional e pessoal, narrativas de contentamento e felicidade. Eles narraram sobre seus feitos e suas conquistas em missões de paz no exterior; incursões a

favelas no Rio de Janeiro e em outras cidades do Brasil em combate ao crime organizado; emoções e sentimentos na atividade de salto de pára-quedas; atitudes e comportamentos tidos como adequados no grupo que integram; atividades de educação física realizadas em grupo; treinamento na área de estágio durante o curso de pára-quedismo militar; as práticas de socialização promovidas tanto dentro do quartel como em outros contextos; admiração que nutrem pela tropa pára-quedista; o risco de morte decorrente de sua atividade profissional; atuação profissional como líder e comandante de frações; a busca pelo auto-perfeioamento etc. Tamanha uniformidade deixa ver uma ação incisiva da voz institucional na construção de identidades coletivas dos membros deste grupo. Penso que são estes os tipos de histórias valorizadas neste contexto. Quem as 'tem' para contar é identificado como alguém que vive a mística pára-quedista, podendo ser considerado um membro do grupo.

O evento narrativo, isto é, o ato de contar histórias tanto para seus companheiros como para a pesquisadora me possibilitou tratar sobre a construção de identidades de *self*.

Guardada a uniformidade das histórias narradas, cada narrador empenhou-se em narrar de seu modo particular, imprimindo individualidade discursiva em sua fala e portando-se de forma única e singular em relação aos demais. Ressalto ainda que todos os entrevistados articulam muito bem suas falas, empregando o português segundo a norma culta.

O Tenente Coronel Ermínio interagiu comigo em uma entrevista onde elaborou muitas narrativas, contando casos e episódios de sua vida e do seu Batalhão. Mostrou-se seguro, cordial, simpático, atencioso, calmo, elucidativo. Recebeu-me muito gentilmente, seguro, 'consciente' do que fazer e de como lidar com a presença da pesquisadora. Falou prontamente de todos os temas sugeridos, demonstrando confiança e segurança. Falou sempre de forma clara, didática, explicativa, elucidativa.

O Major Firmino mostrou-se bastante descontraído, sorridente, agradável durante toda a entrevista. Manteve-se à vontade, simpático, participativo. Narrador articulado, o Major tentava buscar a palavra mais adequada para construir sua fala. Sua fala é basicamente narrativa, ele conta casos do início ao fim, não foi preciso que eu ficasse pedindo e solicitando que ele contasse, ou

narrasse. Ele o fez espontaneamente o tempo todo. Sempre de forma divertida e engraçada.

O Major Wilker elaborou sua fala de forma descontraída, oferecendo muitas narrativas e exemplos. Muito articulado, usa muito bem as palavras e se constrói facilmente como um pára-quedista experiente e orgulhoso de sua profissão.

O Capitão Vieira, meu primeiro entrevistado, mostrou-se bastante sério e formal, principalmente no início da interação. Não ria e me pareceu até mesmo um pouco tenso, ao longo da entrevista sua postura mudou e houve maior aproximação interacional com a pesquisadora. Quanto às narrativas, elas não foram colocadas espontaneamente. O Cap Vieira parecia não estar propenso a narrar eventos, casos ou histórias de sua vida profissional. Creio que para tal deve haver uma certa proximidade, confiança, com o interactante, o que não me pareceu ser o sentido que o Cap Vieira construía para minha presença em seu quartel. Pareceu-me que ele queria explicar, ensinar o que é ser um pára-quedista, não com histórias, mas sim com elucidações (lembro que ele trouxe uma agenda com os pontos que pretendia abordar durante a entrevista). Noto ainda que, durante muitas vezes na entrevista, eu pedi que ele me contasse uma história que pudesse exemplificar suas explicações, afinal minha intenção ali era ouvir e gravar histórias. Muitas vezes eu disse: “você poderia me contar?” em um tom de solicitação.

O Capitão Rocca mostrou-se, inicialmente, sério e contido, porém extremamente educado e disposto a colaborar, interagindo. Um tanto retraído, sorria muitas vezes ao iniciar suas respostas e relatos deixando ver um mundo de interpretações e sentidos que ele trazia ao ouvir as perguntas que eu fazia, isto é, ele pareceu achar minhas perguntas relevantes e interessantes. Empenhava-se em formular respostas bem estruturadas, notei que ele construiu uma imagem emblemática do pára-quedista. O que ele tinha para falar era o discurso institucional, este fluía em sua fala. Creio que minhas perguntas o fizeram pensar sobre si próprio, separado do grupo. No entanto suas respostas me fizeram pensar sobre quando é que não somos grupo.

Com o Capitão Marcos Almeida tive uma conversa descontraída e longa. Sua fala foi repleta de exemplos e narrativas elaboradas espontaneamente. Ele mostrou-se à vontade, elucidativo, não hesitou em narrar. Fala calma, polida e pausada. Marcos Almeida foi meu aluno de Inglês na AMAN. Ao ter notícias de

que eu me encontrava no 26º, dirigiu-se a mim e voluntariamente manifestou interesse em ser entrevistado. Durante sua fala ele se constrói como um oficial experiente, líder, justo, orientador. Ele não se atém às perguntas, fala, narra e expõe comentários por iniciativa própria mostrando-se conhecedor dos assuntos relativos às atividades aeroterrestres.

A postura do Capitão Vagner durante a entrevista foi semelhante à de Marcos Almeida. Saliento que ambos foram meus alunos em sua Academia de Formação, o que acredito ter influenciado nossos comportamentos interacionais. Vagner elaborou uma fala descontraída, longa, igualmente repleta de exemplos e narrativas. O Cap Vagner mostrou-se à vontade, elucidativo, não hesitou em narrar. Sua fala pausada mostrou tranquilidade e calma. Vagner, por vezes, interrompia sua fala na busca de uma palavra ou expressão que se ajustasse ao sentido que queria construir, ele buscava precisão (lembro que ele é um atirador de elite) expressiva.

O Tenente Wiesser expressou-se de forma muito terna, educada e gentil. Falava com desenvoltura, me olhando nos olhos, com muita atenção e seriedade. Procurava entender muito bem o que lhe era perguntado. Pareceu responder francamente, sem elaborar demais sua resposta, narrando de forma franca e clara.

No jogo identitário possibilitado pelo ato de narrar, cada pára-quedista com quem conversei atua, age, movimenta o tempo, cria mundos, reconstrói eventos e acontecimentos, envolve-se, emociona-se, fazendo-se personagem principal de suas próprias narrativas. O poder demiúrgico de orquestrar suas próprias existências oferece a esses combatentes uma rede semiótica de emoções, sensações ontológicas e sentimentos existenciais.

Relembro Goffman ([1959] 1975:230) ao colocar que a sensação de ser alguém vem da performance interacional, do desempenho de papéis sociais, do trabalho em função da imagem que se quer sustentar. Quando os pára-quedistas engajaram-se suas histórias, parte de suas trajetórias de vida, eles evidenciaram entusiasmo e vibração. Mostraram-se orgulhosos de fazer o que fazem, felizes de exercerem sua vocação. Quando narram, assim como todo narrador, os pára-quedistas narram também para si próprios, escutam-se, constroem-se ao lembrarem e reviverem os eventos narrados. Acredito que um acontecimento só se torna relevante se narrado. Creio que as emoções que afloram nesses momentos narrativos funcionem fazendo nascer sensações ontológicas e sentimentos

existenciais. As histórias que contam oferecem aos pára-quedistas a possibilidade de desempenhar identidades, vivê-las, corporificá-las. Segundo Goffman ([1963] 1988:116) é justamente esta sensação viva e pulsante que nos confere a sensação de ser um *self*, isto é, o sentido subjetivo de nossa própria situação de indivíduo, de sermos únicos. Nesses momentos sequer nos damos conta que somos nutridos do que compartilhamos na esfera do social, somos só esta sensação de sermos únicos, já que temos vida para narrar, situações vividas para contar.

Os narradores pára-quedistas têm seus papéis sociais legitimados no grupo que integram, compartilhando ideologias e códigos semióticos. Por esta razão são recompensados com a possibilidade de construir suas identidades, usufruindo dos ideais do grupo. Entendo que o *self* desses homens, como o de todo narrador, é um efeito dramático (Goffman ([1963] 1988) que nasce do evento narrativo, do agir humano, onde agem a interação propriamente dita, os interlocutores do narrador, o dialogismo, a intersubjetividade. Esta se configura na principal marca que faz dialogar o contexto social e a agência pessoal. Ao apropriarem-se e incorporarem a mística pára-quedista como as bases fundantes de suas identidades coletivas, os pára-quedistas são presenteados com a possibilidade de se construir através das emoções e sentimentos nutridos no ato de narrar seus feitos. Cada um que narra, o faz usando seus próprios filtros afetivos, imprimindo e manifestando sentimentos que lhes são pessoais. Cada um sente por si, em si, dando vida e socioconstruindo o *self*.

Penso que o *self* possível é o socioconstruído. O *self* enquanto expressão de um ser único, diferente, singular e separado do grupo pode ser poético e reconfortante por oferecer segurança para seres humanos que somos, necessitados de bases existenciais, mas creio que pensá-lo assim é ilusório e ingênuo. O *self* visto como manifestação de uma identidade totalmente subjetiva e desprendida do social é uma sensação do narrador, que se sente vivo e personagem protagonista enquanto narra, avalia e se posiciona. Suponho que por esta razão no meio pára-quedista as práticas narrativas sejam tão cultuadas, isto é, para se construir um lugar de individualidade e idiossincrasias dentro da força do grupo. Neste ponto penso ser possível o encontro do mundo canônico da cultura e o mundo das idiossincrasias dos desejos e esperanças (Bruner, 1990; Bastos, 2008).

Creio que minha pesquisa traga à luz, além do diálogo franco com a socioconstrução da agência individual, a possibilidade de se construir

conhecimento, considerando sua pluralidade de áreas de estudo, mediante o estudo do discurso, em especial das narrativas de histórias de vida. As Ciências Humanas trazem como principal foco estudar aspectos das sociedades humanas, ou seja, a vida em interação. Penso ser possível atingir tal meta por meio dos estudos da linguagem.

Segundo Halliday (1978, 1985) a linguagem encontra-se intrincada no sistema social, sendo um canal eficiente cujo uso compartilhado age veiculando todo este complexo sistema. A língua é semiótica social, é a materialização de uma série de sistemas de signos usados para dar forma ao mundo físico e também ao mundo das consciências através da construção de significados. Como explica Bakhtin (2000), “A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”.

Segundo Fairclough (1992) e Halliday (1978, 1985), este trabalho considera existir uma relação dialógica entre o discurso e a estrutura social. De forma alguma, porém, pretendo sugerir com tal afirmação que fatores sociais tais como os sujeitos sociais, as relações e situações sociais entre esses sujeitos existam independentes da língua, precedendo a possibilidade de seu uso, contribuindo para sua constituição, reprodução e mudança ou determinando as propriedades da língua em uso. Desta forma, neste trabalho o discurso não é visto essencialmente como o reflexo de uma realidade social mais profunda e nem apenas como a fonte geradora do sistema social.

O uso da língua, por outro lado, é considerado como uma forma de prática social (Fairclough, 1992, p.63) na qual as pessoas usam a língua tanto como forma de ação quanto como um modo de representação do mundo que as cerca. Assim, o discurso, isto é, a língua em uso não é considerada uma atividade puramente individual ou apenas um reflexo de variantes situacionais tais como a natureza dos relacionamentos entre interactantes, o tipo de evento social ou os objetivos a se atingir em uma interação.

O discurso - enquanto prática social - e a estrutura social estabelecem uma relação dialógica, sendo a estrutura social tanto uma condição quanto um efeito da língua em uso. As estruturas dos eventos discursivos variam conforme o domínio social ou institucional onde são gerados e que os contextualizam. O discurso é moldado pelas relações de classe, por relações específicas em instituições sociais

como as que envolvem educação, lei etc, por normas e convenções sociais de natureza discursiva e não discursiva, como regras de etiquetas, polidez, gentilezas. Não obstante, segundo Fairclough (1992), os discursos igualmente contribuem na determinação das normas, convenções, relações, identidades e instituições que direta ou indiretamente o constituem. O discurso é uma prática social não apenas estabelecida como meio de representar o mundo, mas também como uma maneira de dar-lhe significado, construí-lo e investi-lo de sentido. É no fluxo de nossos discursos e suas respectivas ordens que encontramos a possibilidade de imputar valores e ideologias ao mundo e seus acontecimentos, na tentativa de construirmos significados para os objetos, sujeitos e conceitos – nos termos de Foucault (1972 apud Fairclough, 1992, p.39-48) -, para os eventos, para os outros e nós mesmos, na busca e na ânsia de existirmos e fazermos existir. Segundo Fairclough (1992, p.64), “O discurso é uma prática não apenas de representação do mundo, mas de sua significação, constituindo e construindo o mundo por meio de significados”. Assim, a pesquisa que realizei sugere que os estudos das narrativas aumentam sua área de atuação ao oferecerem mais um campo a enriquecer os estudos nas áreas das ciências sociais. Penso ser possível fazer ciências sociais por meio do estudo das narrativas de histórias de vida.

Acredito que meu trabalho seja uma voz a mais na polifonia de idéias acerca de narrativas, identidades, socioconstrucionismo, agência individual e que pode oferecer idéias para outros estudos. Cito Pascal (1662) para dizer que inúmeras possibilidades de futuras pesquisas começam a me instigar: “A última coisa que descobrimos ao escrever um livro é o que devemos pôr em seu início”. Me ponho curiosa para entender como as mulheres pára-quedistas (não são mais de 10), formadas recentemente na mesma área de estágio descrita neste estudo, se posicionam e constroem suas identidades de pára-quedistas neste meio hegemonicamente masculino. Minhas entrevistas se deram com oficiais, no entanto, seria interessante ouvir soldados e praças. Um estudo sobre como esses homens se posicionam em outros contextos sociais, em que outros valores são tidos como importantes também seria rica fonte de pesquisa. Entender como esses homens são vistos por seus familiares, suas esposas, seus filhos contribuiria para um olhar mais amplo sobre os desdobramentos identitários desses homens.

Posicionando meus estudos sob a ótica da sociedade brasileira, penso ter oferecido uma visão fundamentada sobre este grupo social bastante específico,

parte de um todo que constitui uma Nação. O grupo de pára-quadristas estudado vive e constrói suas identidades através de um intenso código de valores. Este grupo crê em tais valores e faz deles suas verdades, principalmente no que diz respeito ao valor cultural da pátria enquanto instituição. Imaginada, construída, inventada – a Pátria, porém, antes de tudo, soberana. A força com que tomam tal valor como verdade dá tranquilidade e segurança àqueles que querem pensar o conceito de Pátria como uma efêmera invenção humana. Enquanto Nações forem respeitadas somente mediante o seu poder de fogo e a paz e o respeito entre os povos depender da força de seus exércitos contra dominações, serão necessárias as certezas identitárias daqueles que serão chamados a qualquer hora, em qualquer lugar, para qualquer missão caso a Pátria seja ultrajada, ameaçada ou invadida.

Mais difícil que iniciar uma pesquisa, creio ser interrompê-la, pois que terminá-la é impossível. Faço um ‘alto’ neste ponto, já que ouço uma voz:

“Alto lá, meu livrinho! Devagar! Calma agora! Chegamos ao fim da jornada, e você ainda quer galopar adiante, sem controle, transpor a página derradeira, como se o seu serviço já não estivesse feito”. (Marcial, Século I D.C.)

Até aqui falei eu. Lanço minha voz na corrente ininterrupta de significados que compõem nossas sociedades. Meu leitor, o texto é todo seu. Como disse Nietzsche: “O autor tem direito ao prefácio; mas ao leitor pertence o pós-fácio”.

Brasil acima de tudo!